

EDITORA



UnB

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman  
Márcia Cristina Maesso  
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato  
Ana Giulia de Araújo Conte  
Aline Vidal Varela  
Muriel Romeiro da Costa e Silva  
Alessandra Carvalho Vieira da Silva  
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa  
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro  
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

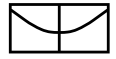
EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira  
**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

**Coordenação geral** : Thiago Affonso Silva de Almeida  
**Consultor de produção editorial** : Percio Savio Romualdo Da Silva  
**Coordenação de revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
**Coordenação de design** : Cláudia Barbosa Dias  
**Revisão** : Lara Andressa da Silva Carvalho  
**Diagramação** : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :  
subjetivações e cultura / (organizadores)  
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :  
Editora Universidade de Brasília, 2024.  
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-067-1.

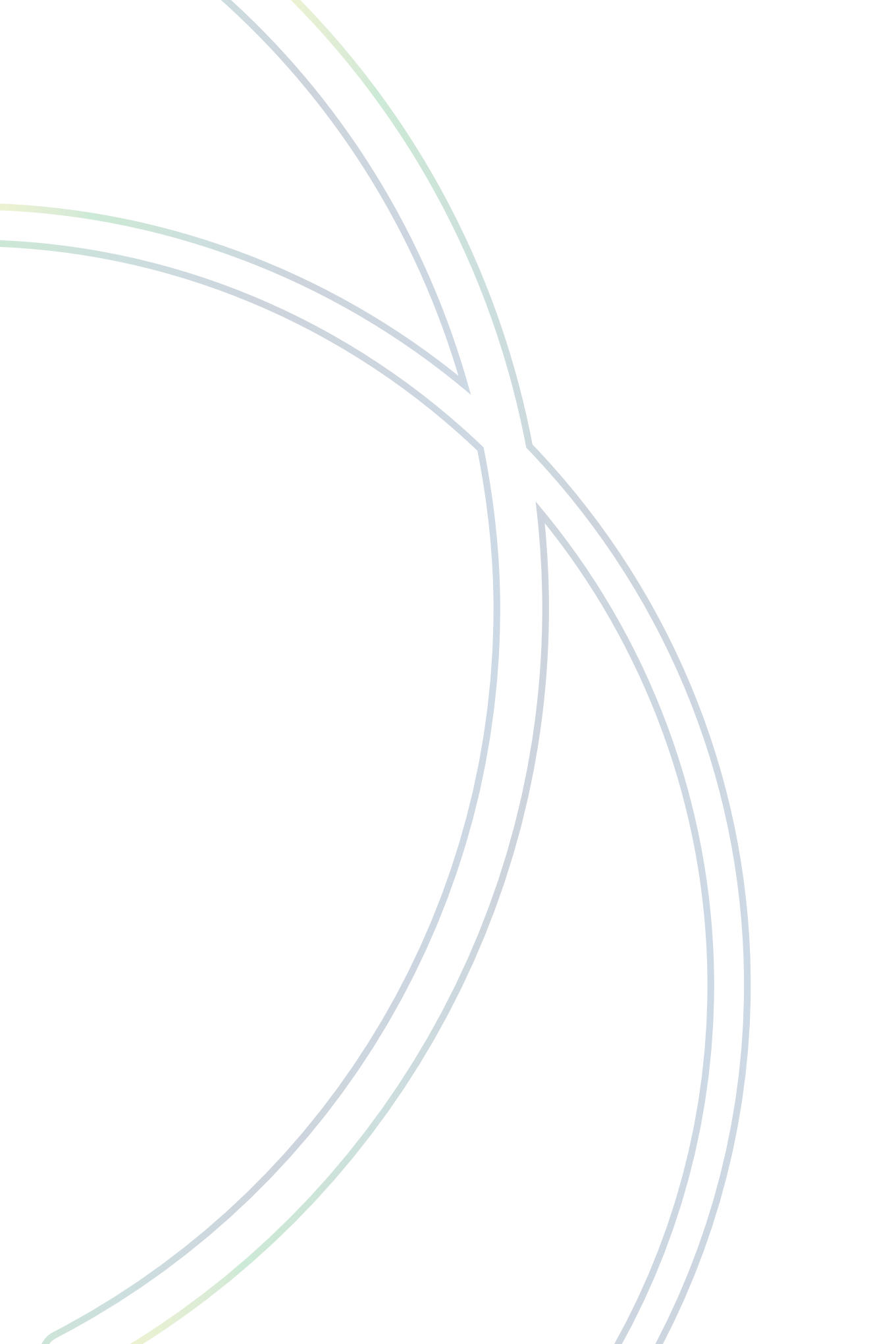
1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,  
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

---



Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



# Sumário

## **Apresentação 11**

## **Prefácio 13**

Miriam Debieux Rosa

### Parte I

## **Psicanálise e parentalidade**

### **Psicanálise e maternidade 21**

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

### **Parentalidade contemporânea 33**

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

### Parte II

## **Psicanálise e relações raciais**

### **Cabelo crespo e pele escura 47**

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

### **Violência, trauma e memória 57**

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

### **O racismo estrutural na transmissão psíquica 69**

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

### Parte III

## Psicanálise, arte, literatura e cultura

### Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

### Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

### A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

### Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

### Parte IV

## Psicanálise e trabalho feminino

### Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

### Parte V

## Psicanálise extramuros/ políticas públicas

### Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

### O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

## **Até o osso 159**

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

## **Parentalidade e saúde pública 173**

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

## **A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187**

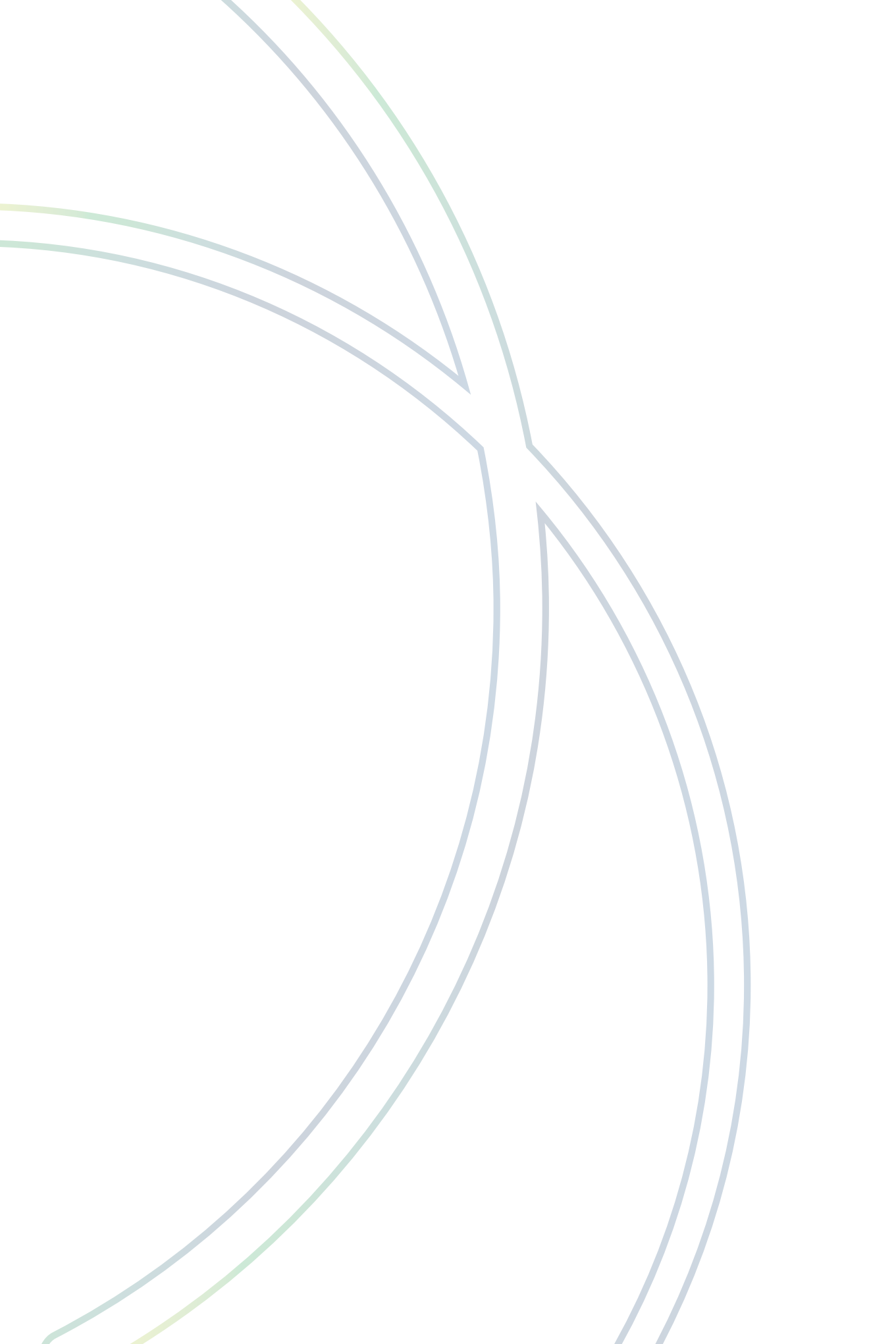
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela, Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

## **Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199**

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

## **Sobre os autores e organizadores 211**





# Apresentação

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

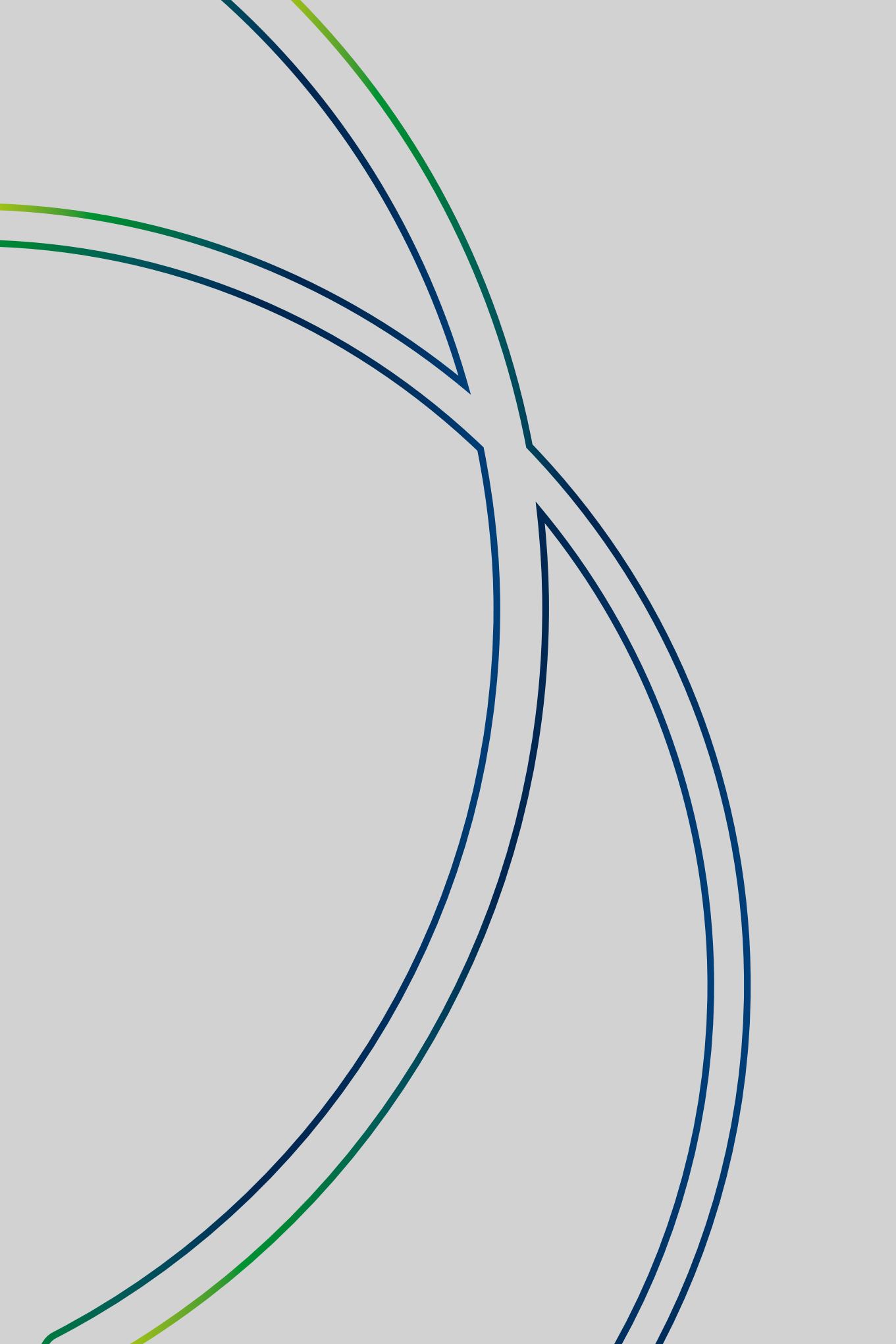
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

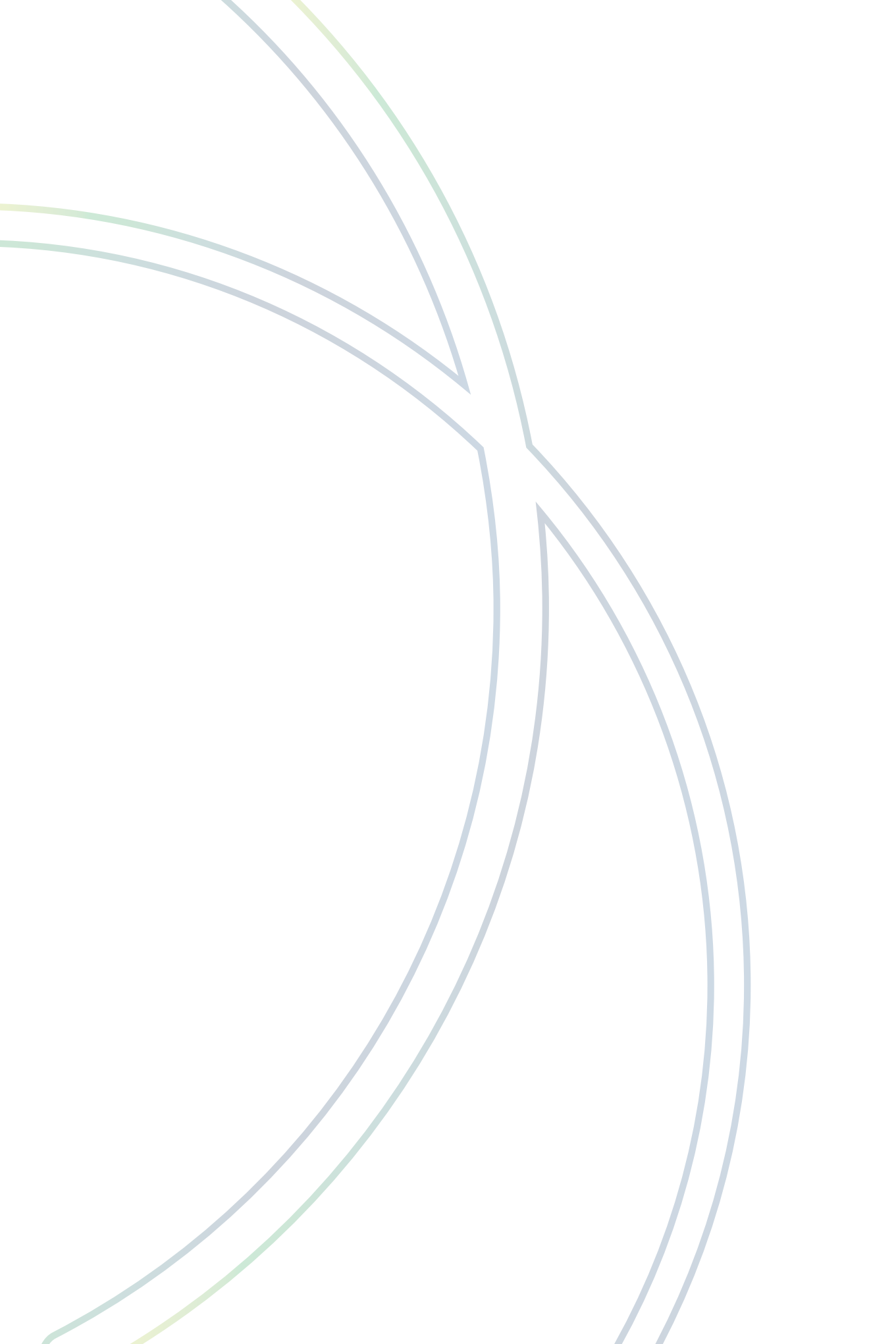
Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



# Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Parte V





# Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas

*Possibilidade de mediação terapêutica a partir da psicanálise em tempos pandêmicos*

Alvinan Magno Catão  
Eliana Rigotto Lazzarini  
Muriel Romeiro da Costa e Silva  
Nelson de Abreu Jr. (*in memoriam*)

*Alimento a esperança de que este trabalho sirva a uma boa causa:  
ele se dirige a todos os que não querem ser indiferentes ao próximo.  
(Jean Améry)*

## Introdução

A pandemia da covid-19 acometeu o mundo em março de 2020, exigindo do sujeito uma capacidade de adaptação e invenção de novos hábitos diante do caos instalado pelo vírus. Esse contexto pandêmico rompeu as barreiras entre o privado e o público, o real e o virtual, evidenciado pelo excesso de lives, de reuniões virtuais e o home office. Nessa nova realidade, houve, ainda, uma intensificação do sentimento de estar conectado a todo momento e receber muitas informações sem tempo para sua depuração.

Somado a isso, estão a experiência de isolamento social, a perda por morte de pessoas queridas e o medo da própria morte, situações que despertaram um sentimento de desamparo e angústia frente ao estranhamento de ver a vida mudar bruscamente. Nesse contexto caótico, o Pr. Dr. Nelson de Abreu Jr., psicólogo e docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG), teve a ideia de desenvolver um projeto de acompanhamento psicológico gratuito, sem vínculo institucional, em caráter de urgência.

A preocupação do professor Nelson pode ser expressa na seguinte questão: como os psicólogos poderiam contribuir num contexto de incertezas e inseguranças decorrentes da pandemia e qual prática de atendimento seria possível diante do isolamento social? Outra questão levantada por ele era o aspecto democrático do projeto, que procurou atender a população de maneira geral, mas, principalmente, as pessoas em vulnerabilidade social.<sup>11</sup> Para o acolhimento, foram consideradas as pessoas que tinham acesso à internet ou à linha telefônica, respeitando as orientações de isolamento social.

Naquele momento, tinha-se poucas informações sobre o que era o coronavírus, como combatê-lo, como se proteger, além de como e qual seria o tratamento após a contaminação. As informações na mídia diziam que o vírus tinha alta letalidade e sua transmissão ocorria de forma rápida. O medo colocava a vida social à beira do colapso. Supermercados foram invadidos, as pessoas começaram a estocar comida e outros itens de limpeza, todos pareciam estar com os nervos à flor da pele. Os profissionais, a maioria da área de saúde que estava na linha de frente, encontravam-se esgotados física e mentalmente. Em meio a tantas incertezas, havia outra luta em vigência: as *fake news* e o negacionismo, esses foram um dos entraves encontrados por aqueles que acreditavam que a solução só poderia vir da ciência e, consequentemente, da vacinação. O aumento das mortes pela covid-19 transformou a subjetividade e a história de vida do morto em números, familiares não puderam velar seus entes, não houve despedidas, e a impossibilidade dos rituais tornou o processo de luto ainda mais doloroso.

Foi a partir dessa problematização e do objetivo de encontrar uma prática de cuidados psicológicos em pleno contexto pandêmico que pudesse iniciar de forma imediata o atendimento a essas demandas emergentes, que o projeto idealizado pelo Nelson de Abreu Junior foi batizado de *CuidaPsi*. Projeto este de cunho social que está alinhado aos princípios da Organização Mundial de Saúde (OMS) e à Resolução nº 4, de março de 2020, do Conselho Federal de Psicologia, que dispõe sobre a regulamentação dos serviços psicológicos prestados de forma on-line durante a pandemia da covid-19.

Em maio de 2021, após um ano de criação do projeto, infelizmente o professor Nelson foi contaminado pela covid-19 e veio a falecer após 30 dias em decorrência das complicações pulmonares causadas pelo vírus. Da positivação ao falecimento, tudo se sucedeu muito rapidamente, surpreendendo familiares e amigos. O professor estava na lista de espera de vacinação para os profissionais de saúde, mas quando chegou sua vez, ele já estava contaminado e não foi vacinado. Vale ressaltar que a burocracia para a liberação das vacinas acarretou o atraso na vacinação da população em geral. Em função de tais acontecimentos, além do cunho científico deste artigo é uma homenagem ao professor, em sua memória e contra qualquer forma de esquecimento de sua atuação profissional como psicólogo e educador. É também uma forma de testemunhar o evento traumático que foi a pandemia.

---

<sup>11</sup> Algumas das preocupações do professor Nelson eram como o público vulnerável, como dizia ele: "como as pessoas em sofrimento decorrente da covid-19 e sem condições financeiras, irão se cuidar? [...] quem se lembrará dessas pessoas no colapso do sistema?"

Diante do apresentado, este trabalho busca analisar a experiência do projeto CuidaPsi e discorrer a respeito da utilização de narrativas de vida como mediação terapêutica tendo como referencial teórico a Psicanálise. Para essa proposta, foram analisados o projeto escrito do CuidaPsi e a experiência de uma das autoras deste trabalho que, a convite do professor Nelson, desenvolveu e executou o projeto. A análise permitiu observar que a escuta psicanalítica da narrativa de vida, no momento de crise, pode contribuir para o apaziguamento do sofrimento psíquico.

## A covid-19 e o sofrimento psíquico

A experiência da pandemia da covid-19 parece ter lançado o sujeito num abismo de insegurança e incertezas. O fato de estar diante de uma ameaça de morte pode despertar um sentimento de desamparo e estranhamento. Além disso, a pandemia no Brasil intensificou o desemprego e, conseqüentemente, a pobreza. Diversas famílias não tiveram a escolha de permanecer em reclusão em casa. A maior parte das famílias mais vulneráveis precisaram se expor ao vírus para garantir o próprio sustento, o que pode ser considerado um fator angustiante e um gatilho para o sofrimento.

Freud (2010a [1930]), em “O mal-estar na civilização”, considera o aspecto social como uma das fontes de sofrimento na modernidade. Isso se deve ao fato de a Psicanálise compreender a subjetividade em sua dimensão social e considerar que os aspectos culturais perpassam o processo de formação subjetiva. Para Freud, a finitude do corpo e o mundo externo são duas das fontes inevitáveis de sofrimento humano. A primeira diz sobre a fragilidade do corpo, enquanto a segunda se refere aos eventos naturais que podem surgir de maneira devastadora, como as pandemias e outras catástrofes, por exemplo. Nesses casos, o sujeito se depara com a iminência da morte, seja a sua ou a de uma pessoa próxima, causando uma perturbação em sua vida psíquica.

Em 2020, a pandemia da covid-19 pegou a todos de surpresa. A alta contaminação, o aumento do número de mortos, o excesso de notícias confusas e desencontradas, a imprecisão inicial na busca por informações, a corrida para criação de protocolos de segurança e o anseio pela descoberta da vacina, causaram medo e inquietude naqueles que não negaram o potencial mortífero do vírus. Todo esse contexto resultou num cenário de incertezas, vivido por algumas pessoas como uma situação traumática.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas, 2020), sete tipos de coronavírus são conhecidos em humanos. São considerados a segunda principal causa de resfriado comum e raramente os seis primeiros ocasionam doenças mais graves. Contudo, esse cenário parece ter mudado com o surgimento do Sars-Cov-2, o novo coronavírus. Apesar de geralmente os sintomas serem leves e terem início gradual, a Opas (2020) alerta que uma em cada seis pessoas infectada por covid-19 fica gravemente doente e apresenta vários sintomas, principalmente a insuficiência respiratória.

No Brasil, o primeiro caso de Sars-Cov-2 foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020. A vítima, um homem de 61 anos da cidade de São Paulo, havia realizado viagem recente à Itália e foi considerado o primeiro epicentro da doença dentre os países ocidentais. Em menos de um mês do primeiro caso confirmado, já havia registro de covid-19 nos 26 estados brasileiros, bem como no Distrito Federal (Ministério da Saúde, 2020).

De acordo com Sandes (2020), a partir de informações do site UOL no mês de maio, a covid-19 foi classificada como a maior causa de mortes no país. De acordo com o site, a doença matou mais jovens no Brasil do que em outros países afetados pela pandemia. Na primeira metade de 2020, o Brasil passou a registrar mais de mil mortes diárias, sendo que no primeiro dia de junho de 2020 a Organização Mundial de Saúde noticiou que o país ainda não havia atingido o pico da pandemia (Sandes, 2020). Podemos, então, considerar que o ano de 2020 representou um momento crítico no que compete à proliferação do vírus.

Conforme dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS, 2020), até 19 de junho de 2020, foram confirmados no Brasil 1.032.913 casos da doença e 48.954 mortes. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará, respectivamente, foram os mais afetados. Nessa ocasião, o número de óbitos já havia ultrapassado os estimados 35 mil mortos da pandemia de 1918 no Brasil, conhecida como Gripe Espanhola, segundo reportagem de Tajra e Marins (2020) no UOL.

A situação pandêmica no Brasil afetou diretamente o quadro de transtornos psicológicos e psiquiátricos. Maia e Dias (2020) investigaram níveis de depressão, ansiedade e estresse de estudantes universitários no período pandêmico, buscando compará-los com os períodos anteriores/normais. O estudo foi constituído por dois grupos, sendo a amostra 1 formada por 460 sujeitos com idade média de 20 a 14 anos e a amostra 2 por 159 sujeitos com idade média de 20 a 40 anos. Todos os sujeitos foram submetidos a um questionário sociodemográfico e a escalas de ansiedade, depressão e estresse.

Os resultados da pesquisa de Maia e Dias (2020) sugerem que essa pandemia provocou efeitos prejudiciais à saúde mental dos estudantes universitários, que apresentaram níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e estresse em comparação aos que integraram o período normal. Apesar de estarem relacionados a um grupo específico, o de estudantes, a pesquisa traz uma importante amostra dos efeitos psicossociais causados pelas condições pandêmicas em comparação com as condições não-pandêmicas. O estudo de Santos (2020) corrobora esses dados ao apontar para o aumento de doenças psiquiátricas pré-existentes em muitos países tanto pelo efeito prolongado do isolamento social e da pandemia em si, quanto pela interrupção de consultas e acompanhamentos durante a quarentena.

Como observado, a pandemia acentuou os sintomas de ansiedade, depressão e estresse, afetando também a relação de determinados sujeitos com os seus traumas. Para Freud (2010b [1920]), a neurose traumática é constituída pela experiência do indivíduo com eventos externos que colocam a vida em risco. Caracteriza-se pela ruptura abrupta da barreira protetora do aparelho psíquico contra essas perturbações repentinas que impedem que o sujeito se previna de tal fato. O autor ainda destaca que a neurose traumática é marcada



pelo terror e pela paralisia do funcionamento psíquico. Afirmar que a teoria da neurose traumática não considera puramente o fator fisiológico. Assim, não é a excitação somática que, simplesmente, não encontra uma descarga sexual adequada, mas a excitação somática que não encontra o seu fiador a nível psíquico (Freud, 2010b [1920]).

A neurose traumática se fundamentaria na ausência de elaboração, sendo seu destino a compulsão à repetição. Essa última sugere que ocorre uma atualização do trauma, de seus registros e impressões. Podemos dizer que a compulsão à repetição garante a impossibilidade da lembrança do acontecimento como algo que já passou na história do sujeito, ou seja, trata-se de uma dificuldade de simbolização temporal do evento passado. A expressão do traumático dá-se pela via do ato, fixando-se e performatizando-se no presente, em um contínuo esforço de elaboração (Freud, 2010b [1920]).

A dificuldade do psiquismo em assimilar a experiência da pandemia pode ser efeito da compulsão à repetição como tentativa de recordar e elaborar o conteúdo traumático, particular de cada sujeito. Tal repetição é atualizada pelo choque de realidade que a situação pandêmica impôs, produzindo efeitos como a apatia, a solidão, o emudecimento e a perda da dimensão alteritária. Segundo Rosa (2016), esses aspectos impostos pela experiência traumática encobrem a possibilidade de elaboração simbólica que poderiam dar contorno sintomático ao trauma.

Entretanto, Birman (2003, p. 5) considera a capacidade de transformar a dor em sofrimento “uma experiência essencialmente alteritária. O outro está sempre presente para a subjetividade sofrente, que se dirige a ele com o seu apelo e lhe endereça uma demanda”. Seguindo essa lógica, o presente projeto teve como objetivo dar acolhimento ao sofrimento psíquico proveniente da situação pandêmica pela via de uma escuta mais atenta da narrativa de vida das pessoas que se viram envolvidas com a covid-19. Segundo Elia (2007), a experiência da e com a palavra, desde que operada pela fala, pode levar aos caminhos do inconsciente. Cabe à Psicanálise reconhecer que as narrativas de vida não esgotam toda a experiência do sujeito, pois há algo nas entrelinhas da narrativa que não é passível de narração, porém, mais que a interpretação, quem narra seu trauma necessita de reconhecimento e amparo (Antonello, 2016). Isso pode ser considerado um dos motivos para eleger as narrativas de vida como dispositivo mediador na oferta do acolhimento psíquico.

## Narração e memória

Antes de apresentar a experiência do projeto CuidaPsi em sua concepção e atuação, faz-se necessário uma breve exposição sobre o que se entende por narração e memória. As narrativas de vida podem ser compreendidas de um ponto de vista mais literário, como na obra de Kehl (2001) e Benjamin (1987 [1936]), por exemplo, ou como método de pesquisa, segundo Bertaux (2010). Contudo, todos dizem dos efeitos terapêuticos em contar uma história pessoal a alguém.

Bertaux (2010) explica que a expressão “narrativa de vida” surgiu na França numa tentativa de contemplar a narrativa contada pelo sujeito. O termo consagrado até então pelas ciências sociais era “história de vida”, expressão que não permitia diferenciar a história vivida por alguém da narrativa que esta pessoa poderia fazer de suas experiências. O caráter dialético da narrativa está essencialmente ligado ao intercâmbio de experiências, à memória, à possibilidade de preservação da história narrada e ao laço social, enfatiza Benjamin (1987 [1936]). Para Silva (2019, p. 48),

compreender a história de vida do indivíduo em seu contexto significa considerar que a história narrada é sempre mais que a simples narração sucessiva dos fatos, mas acima de tudo é preciso implicá-lo na narrativa a ser construída.

Ou seja, a história narrada não é somente uma descrição fiel da imagem do fato capturada pelos sentidos do sujeito, mas é a expressão daquilo que diz do fato a partir da sensibilidade particular do sujeito. Podemos dizer que a narração é um segundo acontecimento que diz sobre um primeiro que foi experimentado pelo sujeito e registrado em sua memória enquanto lembrança. Mas como opera a memória nesse processo?

Para responder a complexidade desse problema, é importante uma breve consideração acerca de “Uma nota sobre o bloco mágico de Freud” (1976 [1925]). Nesse texto, o autor discute o sistema percepção-consciência e as formulações gerais do aparelho psíquico, usando a metáfora do brinquedo do bloco mágico como exemplo. Tal brinquedo é composto por duas camadas de papéis, um de celulose transparente e o outro de um papel encerado bastante sensível e translúcido, e uma prancheta. De acordo com Freud (1976 [1925], p. 139), para usar o bloco mágico basta escrever sobre a primeira camada de celuloide, mas não necessita de lápis ou giz. Trata-se de um retorno ao antigo sistema de escrita sobre plaquinhas de barro ou cera: utiliza-se um estilete com o qual se risca a superfície produzindo ranhuras que funcionará como escrita.

Freud (1976 [1925]) explicita que quando as folhas não fossem mais necessárias, bastava levantá-las e apagava-se o que ali fora anotado. Assim, depois de uma anotação, quando as camadas da folha fossem separadas e descoladas, seria possível ler o que foi escrito apenas no papel encerado. Fazendo uma comparação entre o funcionamento do aparelho psíquico com o bloco mágico, o autor expõe que a folha de celuloide seria como um escudo protetor contra estímulos externos às influências danosas de fora, e a outra camada, a do papel de cera, seria o abrigo e a recepção desses estímulos. Com isso, Freud reafirma a tese de “Além do princípio de prazer” (2010b [1920]) de que as excitações externas são estocadas nos sistemas do pré-consciente (P-Cs), responsável pela recepção e pelo abrigo dos estímulos (papel de cera), representando a segunda camada. A primeira camada, a de proteção dos estímulos externos, teria a função de diminuir a magnitude dos impulsos que lhe chegam. Nessa tese, está inscrito que a consciência nasceria no lugar do traço mnemônico, sendo uma substituição da lembrança e não, necessariamente, um lembrar, um atualizar ou um conservar de um momento passado.

Entender as concepções de memória e lembrança a partir das formulações freudianas permite o avanço no entendimento da narração: aquilo que se expressa na narração não é necessariamente a lembrança recalçada, que poderíamos entender como efeito do primeiro acontecimento – a situação proibida –, mas um segundo acontecimento modificado e transformado pelo recalque que se mantém inconscientemente ligado ao primeiro. Entende-se que o traço mnemônico se mantém enquanto forma e que o conteúdo do primeiro acontecimento é transformado, sendo a narração a evidência expressivo-linguística desse processo. Assim, as narrações dizem do recalçado por meio da expressão de uma lembrança que o encobre, mas que constantemente escapa quando realizada por livre associação, o que possibilita a interpretação e a elaboração. É com o conhecimento desse processo que se procurou realizar o acolhimento das narrativas pandêmicas no projeto CuidaPsi.

Para Souza (2006), as narrativas de vida permitem ao sujeito entrar em contato com sua singularidade, aprofundar no conhecimento de si e aprender com suas experiências de vida. Esse mergulho, na interioridade humana, é caracterizado por ele como atividade formadora e de conhecimento. Muito semelhante ao que faz a Psicanálise, ela se vale dos fragmentos de história de vida contados pelo analisando ao seu analista, que permite ao sujeito dar sentido à sua narrativa em um trabalho de construção e reconstrução de sua história de vida.

De caráter constitutivo do sujeito, Gagnebin (2013, p. 3) define que a importância da narração “sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio do esquecimento”. A narração das histórias que vivemos ou das histórias que ouvimos é marcada pela troca de experiências, processo dialético que mantém viva nossas memórias. Como mostra Gagnebin (2009, p. 15): “a luta de Ulisses para voltar a Ítaca é, antes de tudo, uma luta para manter a memória e, portanto, manter a palavra, as histórias, os cantos que ajudam os homens a se lembrarem do passado e, também, a não se esquecerem do futuro”.

Essa dimensão criativa e curativa da narrativa é observada em *Recordar, repetir e elaborar*, em que Freud (2010c [1914]) destaca que rememorar implica reviver e repetir um passado esquecido, porém de forma atualizada na relação transferencial e em diversas situações que geram sofrimento na vida do paciente. Segundo ele, essas lembranças são atualizadas via repetição e, por isso, não se reduz apenas ao levantamento dos fatos históricos do sujeito, mas de uma revivência que permite o trabalho terapêutico de recondução e elaboração do passado. Essa pré-disposição criativa deve ser sempre lembrada pelo psicanalista, pois na repetição algo de diferente pode acontecer, como destacou Freud (1996 [1917]), sobre a importância do processo criativo diante das frustrações e adoecimento.

### CuidaPsi como dispositivo mediador

No escopo do projeto *CuidaPsi*, foi permitida a livre atuação dos psicólogos de abordagens distintas à Psicanálise e sua proposta pode ser caracterizada como uma prática clínica

extramuros, pois a situação de emergência e o isolamento social por conta da pandemia impossibilitou o enquadre clínico tradicional, ou seja, presencial.

Roussillon (2019), em *Manual da prática psicanalítica em psicologia e psicopatologia*, discute, aprofunda e propõe novos conceitos psicanalíticos a partir da discussão sobre a necessidade de novos dispositivos clínicos, que sustentam a prática psicanalítica em espaços antes não pensados e que permitam a abertura da Psicanálise para situações que fogem à regra do divã. Essa outra clínica, denominada por ele, se desenvolve principalmente nos espaços públicos, com articulação entre o singular, o grupo e as instituições, e outras formas de mediações. Diversas situações e contextos impedem que o encontro clínico ocorra nos moldes do enquadre fixo. Essa problemática permitiu que ele desenvolvesse uma metodologia específica que flexibiliza o enquadre e a técnica de cuidado a partir da demanda do sujeito em sofrimento. Um bom dispositivo clínico é aquele que mais se aproxima e se adequa à necessidade do sujeito e, por consequência, auxilia e facilita o trabalho de subjetivação e simbolização.

O projeto CuidaPsi teve como finalidade criar um espaço para o acolhimento do sofrimento psíquico da população frente à situação emergencial causada pela pandemia. Nele foi utilizado o método da escuta das narrativas de vida como explicitado anteriormente. De acordo com Bertaux (2010), ouvir essas narrativas permite adentremos ao mundo social do indivíduo, isso significa dizer que a história ouvida também descreve as dimensões social, cultural e histórica que atravessam o sujeito.

Inicialmente, o atendimento contemplou profissionais de saúde na linha de frente, a população idosa, pacientes com suspeita ou positivados para a covid-19 e seus familiares. O projeto aconteceu em três etapas simultâneas. A primeira dedicada à captação, orientação, cadastro de psicólogos voluntários e divulgação do projeto via redes sociais e a mídia televisiva. A segunda etapa tratou do cadastro<sup>12</sup> e do acolhimento, via ligação telefônica ou via *WhatsApp*, das pessoas que entraram em contato procurando ajuda. Após essa etapa de escuta e levantamento das demandas, a pessoa era encaminhada para acompanhamento psicológico de curta duração, concluindo a última etapa do projeto. Embora o professor Nelson fosse de orientação psicanalítica e sua aposta fosse na democratização do atendimento psicanalítico, os psicólogos, em sua maioria, voluntários de Anápolis (GO) e alguns psicólogos de Minas Gerais (MG) e Brasília (DF), pertenciam a abordagens diversas, mas alinhados ao pensamento do professor. No decorrer do projeto, fez-se como objetivos centrais incentivar e encorajar a busca por suporte psicológico àqueles que estavam vivendo um sentimento de desamparo e mal-estar decorrente da pandemia.

A partir da quantidade de ofertas de outras atividades de acolhimento no meio virtual, a chegada da vacina e o fim da quarentena contribuíram para o encerramento do CuidaPsi, que teve a duração de aproximadamente seis meses. Iniciado em abril de 2020, o seu

---

<sup>12</sup> Tanto os psicólogos voluntários quanto quem solicitava acolhimento, precisavam se cadastrar no site ([www.cuidapsi.com.br](http://www.cuidapsi.com.br)). Após encerramento do CuidaPsi, o site foi retirado do ar.

encerramento se deu em outubro do mesmo ano. Nesse período, foram acolhidas 73 pessoas em Anápolis e outras cidades do Brasil.

Embora as mediações terapêuticas sejam mais utilizadas na clínica dos extremos, a experiência caótica da pandemia foi considerada, neste trabalho, como fator traumático, o que significou que a proposta de escuta das narrativas de vida durante a pandemia pudesse ser considerada mediação terapêutica em Psicanálise e a própria narrativa de vida como dispositivo mediador, como enfatiza Roussillon (2019) ao propor sua teoria do cuidado psíquico.

Brun (2010) observa que os dispositivos de mediações terapêuticas são frequentemente utilizados em práticas institucionais na clínica dos extremos com pacientes psicóticos ou portadores de patologias identitárias narcísicas, que apresentam uma precariedade em seu sistema simbólico. Para a autora, as mediações terapêuticas levam em consideração a linguagem do corpo e do ato, para além da linguagem verbal. Ela destaca, ainda, a associatividade individual ou em grupo como essencial para as mediações terapêuticas em Psicanálise, seja pela linguagem verbal ou corporal.

No acolhimento feito no decorrer do projeto, as narrativas tiveram como teor principal o relato do sofrimento pelo qual as pessoas estavam passando. Homens e mulheres chefes de família, consideraram as dificuldades financeiras como geradoras de sofrimento. Parte deles estavam no subemprego antes da pandemia e se encontraram em vulnerabilidade após o decreto de *lockdown*. As narrativas no acolhimento dos pacientes que testaram positivo para a covid-19 apresentaram a incerteza do tratamento, o medo da morte e o receio de contaminar os familiares como uma situação angustiante e desesperadora. Não diferente, os profissionais de saúde da linha de frente contaram que a intensa jornada de trabalho, a exposição à contaminação, a falta de equipamento de segurança individual, o enfrentamento e o contato diário com a morte eram fatores estressores e com impacto negativo direto na saúde mental.

Nota-se o aspecto facilitador das mediações em abrir caminho ao trabalho de simbolização via transferência. Isto foi observado durante a escuta qualificada, em que as pessoas enfatizaram a necessidade de falar e a importância de ter alguém para ouvi-las. Essa relação transferencial positiva para o estabelecimento de vínculo e, conseqüentemente, para fazer fluir a fala do narrador, é preconizada por Freud (2010d [1912]) ao considerar a transferência um fenômeno fundamental para a relação de confiança durante qualquer tratamento.

## Considerações finais

A escuta das narrativas de vida de 73 pessoas acolhidas pelo projeto CuidaPsi mostrou que a falta de informação sobre a pandemia, a restrição da liberdade, o estresse, os conflitos familiares decorrentes do isolamento social e o desemprego, foram alguns dos fatores desencadeantes do sentimento de medo, desamparo, solidão, ansiedade, desilusão e tédio. Algumas pessoas queixaram principalmente de terem seus conflitos potencializados pela pandemia, o que parece intensificar o sofrimento. O que fica evidenciado neste trabalho é o potencial da escuta da narrativa de vida como mediação para o apaziguamento



do excesso de angústia. Sentimentos de alívio, de acolhimento, de segurança e encorajamento foram relatados em diversas narrativas, como consequência da utilização do suporte psicológico oferecido pelo CuidaPsi como dispositivo mediador. Importante destacar como a intervenção proposta contribuiu para o trabalho de simbolização do mal-estar causado pela pandemia, visto que em momentos e situações extremas, a escuta – acolhimento – pode ser a forma mais rápida de estabelecer vínculo e proporcionar um bem-estar imediato durante a urgência subjetiva. Benjamin (1987 [1936]) destaca que a história e o sujeito narrador se transformam à medida em que o ato narrativo é contado e recontado. De acordo com Brun (2010), são essas práticas clínicas renovadas que mostram a força e a fecundidade da Psicanálise contemporânea.

### Referências

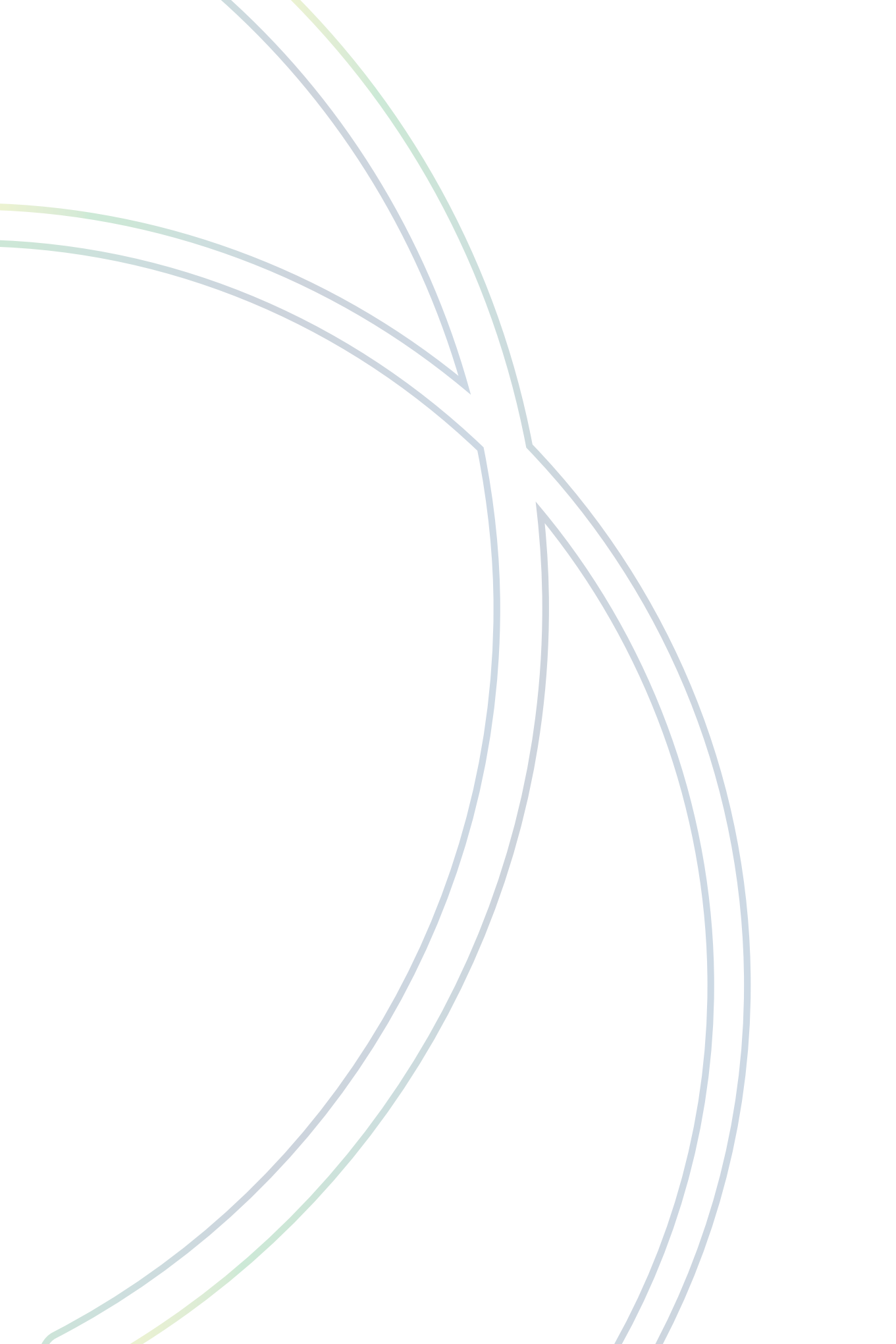
- ANTONELLO, Diego Frichs. *Trauma, memória e escrita: uma articulação entre a literatura de testemunho e a Psicanálise*. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov (1936). *In: Magia e Técnica, Arte e Política*. 3. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Brasília: Brasiliense, 1987, p. 197-221. (Obras Escolhidas I).
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo: Paulus, 2010.
- BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento. *In: Estados gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial*. Rio de Janeiro, 2003.
- BRASIL, Ministério da Saúde. *Boletim Epidemiológico N17*. Maio, 2020a. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/29/2020-05-25---BEE17---Boletim-do-COE.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2023.
- BRASIL, Conselho Nacional de Secretários de Saúde. *Painel CONASS COVID-19*. 2020b. Disponível em: <http://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 6 abr. 2023.
- BRUN, A. *Introduction*. *Le Carnet PSY*, v. 1, n. 141, p. 24-27, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2010-1-page-24.htm>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. *Painel CONASS COVID-19*. 2020. Disponível em: <http://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>.
- ELIA, L. A letra: de instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. *In: COSTA, Ana.; RINALDI, Doris. (org.). Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud: UERJ, 2007.
- FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o “Bloco Mágico” (1925). *In: Obras psicológicas completas v. 19*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: Abreu. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras completas*, v. 18. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010a. (Selo Companhia das Letras)
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: *Obras completas*, v. 14. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010b. (Selo Companhia das Letras).
- FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: *Obras completas*, v. 10. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010c. (Selo Companhia das Letras).
- FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor de transferência (1912). In: *Obras completas*, v. 18. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010d. (Selo Companhia das Letras).
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da Odisseia. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: 34, 2009, p. 13-27.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KEHL, Maria Rita. Nós, sujeitos literários. *Textura-revista de Psicanálise*, v. 1, n. 1, p. 35-41, 2001.
- MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da covid-19. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. 1-8, 2020.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Folha informativa – covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus)*. 2020. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875).
- ROSA, Miriam Debieux. A clínica psicanalítica diante do desamparo social e discursivo: impasses e direção do tratamento. In: ROSA, Miriam Debieux. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sóciopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.
- ROUSSILLON, René. *Manual da prática psicanalítica em psicologia e psicopatologia*. Tradução: Paulo Sérgio de Souza Junior. São Paulo: Blucher, 2019.
- SANDES, A. Com mais de mil mortes em um dia, Brasil tem um óbito a cada 73 segundos. *UOL*, maio, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/19/covid-19-mortes-por-segundo-no-brasil.htm>. Acesso em: 6 abr. 2023
- SANTOS, C. F. Reflections about the impact of the SARS-COV-2/ COVID-19 pandemic on mental health. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 42, n. 3, 2020.

SILVA, M. R. C. *Corpos marcados: desamparo e angústia na clínica psicanalítica com adolescentes*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. B. (org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2006.

TAJRA, A.; MARINS, C. Como há 100 anos. *UOL*, jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/ao-superar-35-mil-mortes-covid-19-se-torna-mais-letal-que-gripe-espanhola-no-brasil/index.htm#como-ha-100-anos>



# Sobre os autores e organizadores

**Alessandra Carvalho Vieira da Silva.** Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alessandravcs@gmail.com](mailto:alessandravcs@gmail.com)

**Alexandre Staerke Vieira de Rezende.** Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: [alexandre.staerke@gmail.com](mailto:alexandre.staerke@gmail.com)

**Aline Vidal Varela.** Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: [alinevidalpsi@gmail.com](mailto:alinevidalpsi@gmail.com)

**Alvinan Magno Lopes Catão.** Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alvinanmagno@gmail.com](mailto:alvinanmagno@gmail.com)

**Amanda Soares Dias.** Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [diasam.asd@gmail.com](mailto:diasam.asd@gmail.com)

**Ana Giulia de Araújo Conte.** Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: [giulia\\_conte@hotmail.com](mailto:giulia_conte@hotmail.com)

**Ana Isabel Pereira.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: [anaisabelpsi@outlook.com](mailto:anaisabelpsi@outlook.com)

**Antônio Trevisan.** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

**Carla Sabrina Xavier Antloga.** Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

**Cintia da Silva Lobato Borges.** Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

**Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato.** Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

**Daniela Scheinkman** Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

**Eduardo Ribeiro Vasconcelos.** Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo\_vasconcelos82@hotmail.com

**Eduardo Portela.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

**Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista.** Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

**Elzilaine Domingues Mendes.** Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine\_mendes@ufcat.edu.br

**Fabrcio Gonçalves Ferreira.** Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

**Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral.** Psicóloga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduanda em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

**Guilherme Henderson.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Membro da Associação Lacaniana de Brasília (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

**Hugo Martins Gomes da Silveira.** Psicólogo pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador de Percepção de Qualidade em Prestação de Serviços. Pesquisador de Saúde Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

**Igo Gabriel dos Santos Ribeiro.** Psicólogo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

**Ingrid Fernandes dos Santos.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

**Ingrid Mello Pereira Soti.** Psicóloga. Educadora em Diabetes pela Associação Nacional de Atenção ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

**Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa.** Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: isafane.c@gmail.com

**Jean-Michel Vivés.** Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

**Jéssica Nayara Cruz Pedrosa.** Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

**Joyce Juliana Dias de Avelar.** Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

**Juliano Moreira Lagoas.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

**Laene Pedro Gama.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

**Lara Gabriella Alves dos Santos.** Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

**Katia Cristina Tarouquella Brasil.** Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

**Márcia Cristina Maesso.** Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com



**Marco Antônio Coutinho Jorge.** Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

**Melissa Souza Silva.** Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

**Muriel Romeiro da Costa e Silva.** Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

**Nelson de Abreu Júnior.** (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

**Patrícia da Cunha Pacheco.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

**Renato Palma.** Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

**Roberto Medina.** Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

**Samuel Ted Almeida de Pereira.** Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

**Valéria Brisolara.** Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: [valeriabrisolara@gmail.com](mailto:valeriabrisolara@gmail.com)

**Vanessa Correa Bacelo Scheunemann.** Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: [vcbscheunemann@gmail.com](mailto:vcbscheunemann@gmail.com)

**Valéria Machado Rilho.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: [valrilho@gmail.com](mailto:valrilho@gmail.com)

**Vitor Luiz Neto.** Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: [vitorluiz.neto@gmail.com](mailto:vitorluiz.neto@gmail.com)

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# INTERFACES EM PSICANÁLISE

## Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia